

TRIBUNA Livre

4
MARÇO
1961

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

IBÉRIA

Esta remotíssima designação da Península, que sugere o pensamento dos recuados tempos pré-históricos do homem das cavernas, hoje destituída geralmente de sentido político, veio à baila a sabor de um grupo de trogloditas resuscitados em pleno século vinte.

Então, e depois durante muitos séculos, os povos não, passavam de simples números abstractos, sem expoente e sem valor determinado para a confecção das futuras

Esclarecimento

Estamos autorizados a tornar público que o sr. dr. Eduardo Gonçalves não consentiu na inclusão do seu nome na lista da Misericórdia contrária à actual Mesa por entender que a mesma não oferece garantias quanto ao futuro desenvolvimento da Instituição e que nela não desempenhará as funções que lhe são designadas, em caso de eleição, por motivos diversos, só as aceitando na lista que tem o acordo da Mesa actual.

Festas a Santo António

A comissão trabalha, mas... carece de fundos!

Dentro de três meses, mais umas festas a Santo António serão levadas a efeito nesta Terra.

A comissão que tem trabalhado incansavelmente, já assegurou o concurso de certos números que irão, sem dúvida, honrar a tradição e fama que as mesmas ganharam, após oito anos de realização.

Entre vários atractivos conta-se já com a presença da Banda Musical de «Puertas» — Pontevedra (Espanha) e com a da Polícia de Segurança Pública do Porto. É também possível a presença da Banda de Vila Verde, assim como a dos Bombeiros Voluntários de Amares será certa na composição do sector musical.

Entrou-se em comunicação com os afamados Ranchos Folclóricos de Santa Marta de Portuzelo e com o dr. Gonçalo Sampaio, tudo levando a crer que a presença destes dois agrupamentos, de car-

nacionalidades, embora em seus anseios se debatessem já em lutas de vida ou de morte, impelidos por uma força e instinto superiores que a Sabedoria infinita gravou no coração do homem.

Desses tempos longínquos e bárbaros ao presente, é ver pela História esse calvário de ascensão humana, sobre montões de cadáveres e de sofrimentos em que assenta o estado de progresso do Mundo contemporâneo; sempre em frente, com o cilindro do Tempo que alarga as estradas e os horizontes da vida.

Pois os ditos trogloditas deste século, transplantados como indesejáveis às regiões fantásticas da selva, que parece que ignoram terem sido iluminadas com o fulgor de civilização pelos antepassados, sonharam agora de lá plasmar nas primitivas formas caóticas uma nova Ibéria, concebida à sua imagem e semelhança.

Não lhes deixa, e a quantos partilham esses mesmos sentimentos, a cegueira histórica compreender quão inúteis foram os esforços de todos os heróis e monstros da

antiguidade que se propuseram contrariar a rota dos destinos que a Providência traçou aos povos peninsulares.

Conseguiram, sem dúvida, páreas da humanidade juntar-se-lhes violentamente, mas nunca fazê-los recuar no tempo ou no espaço.

Não lhes permite a embriaguez das paixões passar em revista atenta e considerada o fatal destino que tiveram todos os pretensos conquistadores da Espanha desde o momentâneo domínio dos Cartagineses às hordas napoleónicas; esta terra peninsular escaudou os pés e quebrantou

Continua na 5.ª página

A grande peregrinação operária a Roma

Embora se pretenda demonstrar o contrário, a classe operária vive, ainda hoje, na sua maioria, vítima de sensíveis dificuldades de ordem económica, cultural e social.

Na ordem económica, o salário, de uma maneira geral baixo, não permite ao trabalhador manter um nível de vida compatível com o mínimo exigido pela dignidade da pessoa humana. A civilização, cada vez mais requintada, cria necessidades cada vez maiores, mas a satisfação dessas necessidades não é, na maioria dos casos, acessível à classe trabalhadora.

O trabalhador adulto está pouco apto para a cultura.

Na verdade, a sua formação intelectual durou pouco tempo, apenas, em muitos casos, só o tempo da instrução primária.

Por outro lado, as condições de trabalho fazem do operário um homem pouco apto para a vida do espírito. A atenção ao trabalho limita-se a um objecto bem determinado, não estabelece qualquer contacto entre o homem e a acção.

O barulho, a fadiga muscular ou nervosa, contribuem ainda para um estado de embrutecimento, pouco propício a um esforço de espírito.

O salário, insuficiente, obriga o trabalhador a centrar os seus pensamentos nas necessidades materiais, não permitindo que as suas preocupa-

Uma Amizade

Que não Incomoda

(Por António Maria Zorro)

Parece não haver uma só página que não seja deplorável nesta história do Congo, que se arrasta há mais de meio ano e cujo epílogo permanece uma sinistra incógnita. Desde a vaga de terror, desencadeada em Leopoldville logo aos primeiros dias da independência, que tudo ou quase tudo o que diz respeito ao Congo tem a marca da desgraça:—as brutalidades cometidas contra a população europeia ou nativa, perante a impassibilidade das forças

internacionais; as populações famintas em fuga; as insurreições, os separatismos e a instabilidade governamental; o desabar da estrutura sanitária do país; Patrício Lumumba e os seus companheiros chacinados numa sanzala; em contra-partida, Mihure—o anti-lumumbista presidente do Quivu—encerrado até morrer dentro de uma barrica com água, depois de lhe terem sido arrancados os olhos—tudo isto é, em suma, a noção geral que se tem do Congo que foi belga.

Como se tudo isto não bastasse, a questão do Congo tem provocado, como acaba de ver-se com as manifestações pela morte de Lumumba—e com as cenas ocorridas no Conselho de Segurança (onde, ao que dizem os jornais, não faltou sequer a navalha aberta...) uma das maiores ofensivas lançadas até hoje contra o Ocidente pela Rússia Comunista; tem patenteado de forma nauseante a impotência física e mental de muitos países; chegou mesmo ao extremo de dar a um governante congolês o direito de perguntar às Nações Unidas o que é que elas fizeram para punir os assassinos do Rei Façal, do general Maletier ou do heroico e esquecido Mikailovich. Pois bem. Há na História do Congo independente algumas páginas que podem ser lidas

Continua na 5.ª página

Continua na 6.ª página

DIZ-SE QUE...

Quanto mais se adquire experiência na nossa lenta mas constante evolução para um destino melhor, pois o desejo de o alcançar é inato em todos os seres humanos normais, comédidos nos sentimentos na apreciação dos factos e na exposição de sentenças.

É que a experiência acaba sempre por nos ensinar que a prudência evita muitos dissabores e até grandes injustiças e que um julgamento sem bases sólidas, isto é, sem provas bem claras, bem estudadas e minuciosamente analisadas, conduz quase sempre

a erros lamentáveis.

Um dos maiores inimigos dessa necessária prudência é o tão vulgar «diz-se que...», bola de neve onde tantas vezes o grão da calúnia se refugia e toma, rolando, rolando sempre, aspecto de gigante pavoroso. E é com o seu testemunho, contudo, que tantas vezes se condena, pelo menos moralmente, pobres inocentes que melhor sorte mereciam.

Ora as pessoas cultas e inteligentes, de coração gene-

Continua na 5.ª página



dos, em disputa de taças e prémios, para os que regionalmente se apresentarem melhor.

Um promenor queremos frisar;—o nosso concelho que outrora obteve indiscutível êxito em certames folclóricos, por

Continua na 6.ª página

TRIBUNA FEMININA

ENTRE NÓS, MULHERES...

A volta do Branco à «Lingerie»

representa quase uma revolução na moda Feminina

(por Noémia Gil Faria)

Agora que «ele» usa os seus coletes de malha em vermelho-coral, preto e até azul-celeste, «ela» evidentemente, para ser bem mulher, tem de fugir à cor e voltar ao branco, aquele branco que, durante séculos, usaram todas as nossas avós. Mas não é na cor que a moda está, há já algum tempo, a evoluir.

Depois de alguns anos, mesmo muitos, em que se usaram as combinações, os «slips», os «seuties» fabricados em série e quase sempre em malha de seda, pois o «nylon» só se vulgarizou após a segunda guerra mundial, veio a moda dos saíotes muito rodados e guarnecidos com tudo quanto os fizesse enrijar, porque era necessário afastar a muita roda das saias ou dos vestidos. Até a corda, então, serviu algumas vezes para esse fim. Agora, finalmente, chega-nos, e de Paris, o meio-termo. Nem a extrema simplicidade das malhas lisas e em série, nem os exageros dos saíotes encordoados. Confessemos, porém, que este meio-termo traz em si muito do que se usou nos primeiros anos do Século XX.

É claro que dificilmente podemos imaginar a mulher dos nossos dias — mulher que adora o movimento, o desporto e a velocidade — usando a roupa interior que vestiu a Eva do «French Cancan». Naqueles tempos uma senhora tinha, à sua frente todo o tempo necessário à morosa e ao mesmo tempo delicada cerimónia de se vestir. Era primeiro a camisa, profusamente guarnecida com rendas Valenciennes ou Chantilly.

Era o espartilho com os cordões bem esticados, de modo a fazer-lhe a «cinturinha de vespa». Eram os muitos folhos das calcinhas, que tapavam, muito pudicamente; os joelhos. Era, por fim, a complicada teoria das saias. Uma, duas, três. A primeira era lisa à frente, mas cheia, atrás e de alto a baixo, de folhinhos estreitos. A segunda confeccionava-se com um tecido muito leve, rematava-se com uma renda larguíssima e tinha por missão «alisar» os folhinhos da primeira. A terceira chamava-se a «discreta», era de tecido encorpado e constituía como que uma sub-saia. Só depois de tudo isto se enfiava o vestido (não necessitavam de aquecimento

no inverno as avózinhas).

Hoje também o corte de uma combinação ou de uma camisa de noite volta a exigir tanta arte como o corte de um vestido. Se alguns dos tecidos modernos são leves e preciosos — o setim, as muselinas, as sedas naturais (ou artificiais) e os «crêpes» da China — outros são bastante «tapados», como o «nanzuque», a setineta e até mesmo o «casca de ovo». Mas em todos os modelos se vêem as rendas e os bordados em profusão. Quanto mais guarnecida estiver a roupa interior, tanto mais estará na moda. O «nylon» é claro, está sempre à frente de todos os tecidos, pois os imita com perfeição, sendo, ao mesmo tempo, mais barato e de fácil limpeza. As rendas, então, quando de «nylon», são incrivelmente resistentes e apenas temem um inimigo voraz e poderoso: a formiga. Muitas senhoras há, porém, que — mesmo sem alegria — o devem evitar. É o caso, por exemplo, das senhoras que atravessam as crises da «meia-idade». Alguns «nylons», por não deixarem o corpo respirar livremente, agravam o incómodo dos «afrontamentos», que assim se multiplicam.

Guardámos para o fim a outra grande novidade. É que, praticamente, deixou de usar-se o pijama. Pelo menos desapareceu o pijama masculinizado, com bandinhas e

botões. Apenas nas raparigas é tolerado um conjunto de calça «à pirata» (cobrindo apenas o joelho) e «nuisette» (pequeno blusão solto) com encaixe de renda ou de bordado.

Dizem-nos que — além da que apresentámos — há ainda outra razão, pela qual os fabricantes se decidiram pela moda do branco — por uma questão de higiene. Parece, com efeito, estar provado que, se as tintas são prejudiciais à saúde nos alimentos, e tanto que a lei obriga à afixação do «corado artificialmente», também o são, embora menos, em contacto directo com o corpo.

A camisa de dormir, até aos pés, está a provocar grande entusiasmo, sobretudo entre as mais jovens. Vai-se encher de rendas e, sobretudo, de bordado inglês. E, como o resto da roupa interior, também vai ser branca e feita muitas vezes de tecidos a que é necessário dar um pouco de goma. E, como se enche de rendas e bordados que é, preciso lustrar e até encanudar, renascerá, com certeza, nesta era de dinamismo, energia atómica e velocidade a jacto, essa arte aflitivamente lenta em que poucas mulheres conseguem, embora humildemente, triunfar — a arte da pachorrenta e ao mesmo tempo palradora engomadeira.

Primeiro Testamento

Eu sou uma vela.
Riscou Deus um fósforo
Na Caixa da Vida
E agora derreto constantemente.

Por isso, peço aos bombeiros
Que não oiçam os meus telefonemas:
Desejo arder até pegar fogo nas meias,
Se possível for, nos sapatos.

Peço também aos automóveis,
Combóios, a esses tipos todos
Que se encarregam da Necrologia,
Que me tenham medo:

Deixem-me tornar coto,
Incendiar as meias,
E julgar que tudo isto foi um sonho.
Sim, um sonho bem cruel...

César Príncipe

MUNIQUE

Centro da moda alemã no inverno

Não cidade alemã alguma — à excepção de Berlim — que mereça a designação de «Cidade da Moda» com tanta justificação como a metrópole da Baviera. Quem passear como turista pelas ruas de Munique, fica espantado ante o grande número de lojas e ateliers que oferecem as mais belas criações da moda e cujas montras, decoradas com muito gosto, estão integradas, nas fachadas barrocas da antiga residência dos reis da Baviera.

Quem julgar, porém, que em Munique se usam sobretudo os trajes populares e os conhecidos trajes bávaros, tão estimados em toda a Alemanha, sofrerá uma desilusão. Em Munique predomina o estilo desportivo e desenvolto e a elegância despreocupada que hoje se encontra em Paris, em Londres, em Roma ou em Los Angeles. Esta feição da elegância deve ser, segundo opinam os costureiros de Munique, uma expressão da nossa época, afirmando-se, com igualdade de direitos, ao lado da elegância da «alta costura», já levemente decadente.

O comércio de tecidos e a confecção de vestuário começaram a desenvolver-se em Munique, a ponto de representarem um importante ramo económica, há cerca de três séculos. O extraordinário desenvolvimento da indústria de moda ressalta da circunstância de hoje se contarem dentro das barreiras de Munique, números redondos, 2.600 alfaiates e costureiras com oficinas próprias, nas quais trabalham mais de 7.000 pessoas. Além disso contam-se mais de 200 ateliers de chapelaria.

Munique tem, no domínio da moda, a sua temporada no inverno. Pois justamente a neve e as longas noites de inverno seduzem a dedicar maior atenção à moda. Os trajes de esqui distinguem-se pelas combinações audaciosas

de cores. Há modelos de «après esqui» encantadores que dão uma nota muito especial aos bares dos hotéis nos centros de desportos de inverno. Os trajes de esqui já não estão limitados aos praticantes deste desporto mas passaram a ser um dos motivos preferidos dos artistas de moda de Munique.

A base da moda de Munique é o vestuário desportivo. Nos arredores da cidade de 1 milhão de habitantes desenvolveu-se nos últimos anos uma fábrica de vestuário desportivo cujos modelos se encontram hoje em todos os centros de desporto de inverno e em todas as pistas do mundo. A sua fama internacional tem a sua origem na habilidade e nas experiências do seu proprietário ex-campeão de slalom e ex-membro da equipe olímpica alemã e no talento extraordinário da sua esposa, responsável pela criação dos modelos. Só esta fábrica relativamente pequena com escassos 500 empregados realiza 40% das exportações alemãs de vestuário pronto. O seu serviço abrange toda a área entre a Austria e a Califórnia, a Escandinávia e o Canadá, a América do Sul e a Nova Zelândia.

Todos os anos saem da fábrica mais de 70.000 calças de esqui. Numerosas estrelas de Hollywood e várias equipas olímpicas dos mais diferentes países encomendam as suas calças de esqui em Munique.

Esta grande procura foi ainda reforçada pela circunstância de este ano meninas e senhoras de todas as idades andaram pelas ruas da cidade em calças de esqui com botas forradas de peles, que, neve, quer não. Esta moda de esqui, desportiva e elegante, penetrou nas grandes cidades. O traje de esqui, com leves variações, penetrou nos salões, elevando o prestígio de Munique como um dos mais importantes centros da moda.

Agência Funerária

DE
MANUEL DA CUNHA

Esta casa encarrega-se de todos os serviços fúnebres, bem como

Ornamentações de igreja, tanto em luto como em gala, andores dos mais luxuosos, coroas, ramos para casamentos, ornamentações de cruzeiros e todos os serviços deste género
Sempre grande depósito de luxuosas urnas

No seu próprio interesse consulte esta casa em
COUCIEIRO—VILA VERDE

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

2.º Correios

Na aldeia temos bons ares, melhor saúde, talvez menos vícios. Mas há privações... Hoje só me quero referir a dois fracos: os caminhos e correios.

1.º os Caminhos

Sabes que a freguesia de Lago se divide em duas metades. O ribeiro é a linha divisória. Há cinco caminhos a fazer a ligação dessas metades e nenhum deles está decente. Até o melhor está com muitos buracos, cheios de água e lama, o que torna difícil o trânsito. É também muito estreito e, como tem bastante movimento, são frequentes os engarrafamentos.

Deixa-me dizer-te que este caminho precisa ser alargado e bem pavimentado. Os outros caminhos de ligação deviam também ser arranjados especialmente o da baixa Ribeira. Esperamos que a estrada, em projecto, resolva este último problema, bem como a sua ligação com a Igreja.

Há algumas semanas travei conversa com dois vereadores da actual administração municipal e ouvi da sua boca o projecto de ligar a futura estrada do lugar do Bico à Igreja, passando em toda a Ribeira, com os lugares dos Olheiros e dos Torrões, da freguesia de Rendufe. Está a ver como a Igreja de Lago ficaria bem servida de comunicação, se o caminho da Igreja ao Passo fôsse também alargado e pavimentado.

Se tivermos em conta o facto de os caminhos actuais serem quase em linha recta e planos veremos como esses projectos não ficariam muito caros, na sua realização. Depois as distâncias são pequenas, sinto vontade de rir quando vou de automovel da Igreja de Lago ao mosteiro de Rendufe e vice-versa. por uns vinte metros de lama e uns cinquenta metros de caminho torto ter de andar quatro quilómetros a mais!...

Em Lago não há distribuição domiciliária da Correspondência postal. Custa-me a perceber qual seria o motivo por que, ao incluírem Barreiros, Rendufe e Bico num giro, se esqueceram de Lago. Esta é mais populosa de que qualquer das primeiras. Será porque os epistológrafos de Lago não deitam selos às suas cartas? Também as cartas recebidas não trarão selos? Dizem que Lago não tem movimento para um distribuidor privativo... Mas na Feira Nova há um, só com 2 horas de serviço; e em Fiscal e Torre há outro com apenas 4 horas, se tanto é o tempo de trabalho desse giro. Julgo que a melhor solução para a distribuição diária da correspondência e jornais em Lago, seria a criação de um artigo 7.º, como dizem. Com isto pretendo dizer que, se não há trabalho para um distribuidor andar 8 horas, haverá para andar 3, 4 ou 5 horas. Não falta quem faça o serviço, nessas condições, embora ganhe apenas o salário correspondente às 3, 4 ou 5 horas de trabalho. Julgo prudente afirmar desde já que a distribuição do correio, em Lago não pode confinar-se a dois ou três lugares, por lá morar o Senhor Fulano ou Beltrano. Deve abranger todos os lugares, porque todos tens correspondência e ninguém está dispensado de pagar selos, nem há lugares isolados. Concordo que, para os C. T. T., era melhor estar tudo como dantes... Mas a justiça distributiva diz que quem suporta os encargos tem direito aos benefícios. E não estamos dispostos a calarmo-nos...

Lago, 26-2-1961

Dispõe do teu: João Moreira,

Visado pela Censura

Noite de Natal

Como é clara esta Noite!... A Madrugada
Tem receio infinito de raiar,
Tanto se vê confusa e envergonhada
Ao clarão desta Noite Singular!...

Numa gruta esquecida e obandonada,
A Virgem-Mãe, chorando de pesar,
Nesta Noite, — a milénios esperada, —
Mostra o Seu filho o Mundo a iluminar!...

Olhai o Céu como se enfeita e cantal...
— Glória in excelsis Deo!... Ó sacrossanta
Limpidez desta Noite — Irmã da Luz!...

— E quando, finalmente, AMANHECIA,
Foi desta Noite que se fez «O DIA»,
— Noite Feliz em que nasceu Jesus!...

Bombeiros Voluntários de Amares

Pelo Ministro do Interior, através do Conselho Nacional dos Serviços de Incêndio, foi atribuído à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Amares o subsídio de 15.000\$00, destinado a equipamento e material de incêndio, que tanto vem beneficiar esta instituição e os seus serviços.

Está pois de parabéns a Direcção e o Concelho de Amares por mais este auxílio dos poderes centrais.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Segunda-feira — A srna. D. Maria de Lurdes Araújo Leite.

Terça-feira — António Gomes da Silva.

Quinta-feira — o snr. Torcato dos Anjos Vieira e o Rev. snr. Padre Avelino dos Santos Antunes.

HUMORISMO

Impossível

Um automobilista atropela um porco. Surge o fazendeiro que, furioso, começa a injuriá-lo.

— Homem não se zangue, interrompeu o automobilista. Eu substituirei o porco.

— Você não o poderá fazer, não é suficientemente gordo, lamenta o fazendeiro.

Os dois viajantes...

Um viajante, sentindo-se cansado depois duma longa viagem sob os raios ardentes do sol, apeou-se do cavalo e prendeu-o a um tronco d'árvore. Depois, tirando duma bolsa um pedaço de pão, deitou-se à fresca sombra dos ramos e ali comeu e descansou.

A certa altura apareceu outro viajante, que se apeou também e começou a prender o seu cavalo à mesma árvore.

— O senhor não venha para aqui — disse lhe o primeiro — porque o meu cavalo é arrisco e pode escoicear o seu.

— Pois aqui mesmo é que eu fico — teimou o outro viajante; e prendendo o seu cavalo mesmo ao pé do outro sentou-se, sem se importar com o outro cavalo.

Não tardou muito tempo que o cavalo arrisco começasse aos coices e um foi com tal violência atingir o outro animal que o estendeu redondamente no chão, morto. O dono ficou furioso e declarou alto e bom som ao sutro que lhe havia de fazer pagar os danos todos.

Noticiário

Contra as culninas, as realidades portuguesas — a imaginação dos jornalistas que estiveram em Lisboa aqueceu na expectativa de movimentos subversivos

Sob o título «Para responder a uma campanha de colúnnias — Realidades portuguesas», publica o semanário «Aspects de la France» o primeiro de uma série de artigos sobre Portugal.

«O mau filme de aventuras, de que, durante uma semana, Henrique Galvão e os seus pistoleiros foram detestáveis intérpretes — escreve o semanário — aqueceu singularmente a imaginação dos Jornalistas que a grande Imprensa de informação tinha enviado a Lisboa, na expectativa de movimentos subversivos que não se registaram». E prossegue:

«A sua ignorância das realidades portuguesas era evidente e patente era o seu parcialismo. Associando-se à campanha lançada contra Portugal de Salazar por tudo o que a ONU conta de vergonhosos escravagistas, que, sob o manto de um falaz anticolonialis-

mo, procuram a subversão total do continente negro, apresentaram Portugal como um anacronismo na Europa ocidental, um país onde um povo esfomeado e analfabeto vegeta numa miséria sórdida, curvada sob o jugo de uma implacável ditadura policial.

«Já estamos habituados a esta falsificação da história, que os franc-ses (imparciais que visitaram Portugal, mesmo como turistas apressados, podem medir completamente. Parece-nos útil, no entanto, corrigir esses erros e refutar essas mentiras.

«Nestes artigos, propomos dar um quadro, forçosamente incompleto, das actividades económicas portuguesas; dizer objectivamente o que são hoje a agricultura, a indústria, o comércio de Portugal, o que eram antes de Salazar, o futuro que o regime actual lhes assinala. Não nos limitaremos às declarações das intenções do Presidente do Conselho e raramente nos referiremos aos princípios gerais da sua política. Examinaremos, antes de tudo, os factos e os números. Mas pedimos aos nossos leitores que jamais percam de vis-

Continua na 4.ª página

ESBOÇO

O mundo da poesia é uma Catacumba
Por onde correm rios de Arco-Iris
Que me embebedam até vomitar nas multidões;
É uma Caixa Imensa de Cenários sempre novos,
Onde sou traça a corroer paisagens sempre renovadas...

O mundo da poesia é um mundo impressionante,
Onde o poeta chama pela voz do mistério
E grita ao Presente que não quer viver apenas no Futuro...

Do livro «Himenóptero Polimorfo» César Príncipe

Campos de Cultura

Em bom local, com águas uveiras, etc.
Aluga-se com adiantamento.

Dirigir-se

Lugar de Passos, 61 Freguesia de Amares

Visado pela C. de Censura

NOTICIÁRIO 11 de Fevereiro

Continuação da 3.ª página)

ta a regra de ouro que o mais esclarecido dos governantes vivos enunciou, há trinta anos: A riqueza, os bens, a produção, não constituem em si mesmos fins a atingir: devem ser os meios de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam se não forem subordinados à conservação e à elevação da vida humana».

O Conselho de Segurança não deverá ocupar-se de assuntos relativos a Angola

Segundo tudo leva a crer, o Conselho de Segurança não se ocupará de qualquer assunto relativo a Angola, conforme fora pedido, no dia 15, pelo delegado da Libéria.

O presidente do Conselho de Segurança, Sir Patrick Dean, rejeitou o pedido, nessa ocasião, por não ter sido apresentado com a antecedência exigida pelos estatutos, quando o Conselho de Segurança se reunira para debater a questão do Congo.

Círculos bem informados revelaram, entretanto, que o delegado liberiano, George Padmore, não insistirá — ao contrário do que ele mesmo afirmou pela Televisão — na apreciação do assunto e parece não haver qualquer outro membro do Conselho interessado em propor a discussão.

Os países da NATO não mostram qualquer desejo de que a proposta liberiana seja abordada e, como não há no Conselho outro país da África Negra, além da Libéria não, se considera provável nova proposta sobre o assunto.

Um dos mais amplos acordos colectivos de trabalho, desde sempre firmados em Portugal: 25.000 trabalhadores ferroviários englobados em várias disposições

Onze Sindicatos do Norte, do Centro e do Sul do país, em que então reunidos 25.000 trabalhadores dos serviços ferroviários, assinaram com CP — entidade patronal — um dos

mais amplos acordos colectivos de trabalho jamais firmados em Portugal.

Principal característica do acordo: a actualização dos salários compreende um aumento de 150.000 contos nas despesas anuais da empresa. Desde já se anuncia, entretanto, que haverá um aumento nas tarifas das passagens e fretes.

Entre outras melhorias para os trabalhadores cortam-se as seguintes:

Reorganização dos quadros de pessoal pela criação de novas categorias e melhoria das dotações entre as várias categorias; aumento das remunerações, criação de vários abonos, prémios ou subsídios e aumento dos respectivos quantitativos, extinção do quadro do pessoal auxiliar, ingressando todos os seus componentes nos quadros do pessoal efectivo; melhoria do regime das férias anuais; ampliação do número de dias de férias para grande parte do pessoal; protecção ao trabalho feminino; regulamentação de aprendizagem e estágio; estabelecimento de novas medidas sobre higiene e segurança no trabalho; e ingresso em quadros superiores a agentes de várias categorias.

MORREU

na véspera de ser homenageado por meio século de Teatro

Completaria amanhã 50 anos de actor teatral o artista António Palma.

As suas «bodas de ouro» seriam comemoradas no Teatro Nacional e já o «D. Maria» se engalanava para que a companhia Amélia Rey Colaço, com os seus 34 componentes, e o público em geral tributassem ao actor os louros merecidos.

António Palma, que faria 70 anos dentro de um mês, faleceu e vai a enterrar precisamente quanto o iam saudar por uma vida de artista.

O protesto que é

uma ignóbil especulação — Escreve «A Voz», a propósito de uma atitude de um grupo de «Democratas» do Porto

Sob o título «Um protesto que é uma ignóbil especulação, uma indigna comédia», escrevo o diário católico e monárquico «A Voz»:

«De Nova York, chega-nos a notícia de que foram recebidos, nas Nações Unidas, telegramas de *democratas* da cidade do Porto, endereçados ao Presidente da Assembleia Geral e ao Secretário-Geral da Organização, protestando contra a morte do político congolês Patrice Lumumba e reafirmando solidariedade dos *democratas* signatários à política de *defesa dos direitos do homem e das liberdades cívicas, contra todas as formas de tirania ou ditadura.*

«Estes *democratas* signatários dos referidos telegramas surpreendem-nos e enojam-nos.

«Então enviam-se, de Portugal, telegramas à Organização das Nações Unidas protestando contra a morte de Lumumba — e não se protesta contra o assassinio de Nascimento Costa?

«Fala-se em *direitos do homem* e não é citada a chacina da tribo dos *nagas* pelo Governo da União Indiana? Fala-se em *direitos do homem* e não se protesta indignamente contra os assassinios, sevícias e violências de que foram vítimas homens, mulheres e crianças belgas — durante a tristemente célebre *semana de pânico* — pelos homens de Lumumba e por ordem de Lumumba? Fala-se em *direitos do homem* e não são referidas as penas capitais que na Hungria, são exercidas sobre os estudantes que aguardam, prisioneiros, a idade *legal* de serem abatidos?

«Fala-se em tirania e em ditadura — e não se protesta contra a ditadura vermelha, que cerceou, no Leste europeu, todas as liberdades cívicas, espezinhou a dignidade humana e suprimiu a independência de tantos povos? Fala-se em *liberdades cívicas* e não se protesta contra os 600 fuzilamentos e contra o esmagamento sistemático da liberdade de culto, alçado a prática habitual pelo Governo de Cuba?

«A que mais nos faltará ainda assistir? Que mais indignidades nos reservará este mundo enlouquecido?»

TRIBUNA LIVRE é distribuída em Braga no Quiosque Central Largo do Barão de São Martinho

Roçando os cardos, que o favónio impele,
Ao pé do Gave, que piedoso passa,
Dentro da Gruta de Massabielle
Brilha uma Virgem de infinita graça!...

Uma menina — (o Céu nunca repele
As flores infantis da nossa raça!...) —
Pede que a Santa o nome nos revele,
Porque o medo em seu sangue já perpassa...

E a Virgem da Visão... — (que era tão bela,
Que nada tem beleza junto dela!...) —
Sorriu!... — E então sorriu toda a Criação!...

E respondeu, num tom de voz perfeito,
Juntando as mãos divinas sobre o peito:
— «Eu sou a Imaculada Conceição!»



RELOJOARIA
MAURÍCIO
QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Fre Caetano Brandão • Telefone 22526 Braga



COMPANHIA DE
SEGUROS 'DOURO'
SEGUROS EM
TODOS OS RAMOS

FUNDADA EM 1835

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

FOTO MODELAR

reportagens de casamento
Baptisado e Banquetes

Fotografias tipo passe e ampliações

Telefone 62113

AMARES

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo
mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

Visado pela C. de Censura

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Antigo Padroado de Rendufe

painha e umbella, e hum crucifixo com seu calvário, e as amboas dos santos oleos, e huma imagem de São Pedro Padroeiro, e que esta era a fabrica que existia em seu poder, que pertencia à capella-mór do Reverendo Dom Abade do Mosteiro... e que do arco para baixo pertencia aos fregueses a sua veneração, como era os Confrades de Nossa Senhora e seu Altar, e aos devotos do Santissimo pela esmola que receberão de Lourenço de Amorim falecido nos Estados da America, e que à sobredita fabrica do dito Padroeiro pertenciam mais duas alanternas de acompanhar o Senhor quando sai aos enfermos por modo de viatico, porem que a cera destas so era para acompanhar o Senhor enquanto se administra aos enfermos, por conta e despesa do Mosteiro Padroeiro, como também as duas vellas que ardem no altar enquanto elle não sai da igreja para fora, como tambem a cera para hum almude elle Reverendo Parocho dizer as missas conventuaes, e de vinho, e hum alqueire de trigo para as hostias para as Missas, e que o costume que havia de dizimar era o centeio e trigo em molhos pelos campos; o pão, e mais milho, e feijões e painso nas eiras, e o vinho nas biqueiras, dando de dez hum, e de cada cria das vacas vinte reis, e das bestas muars cem reis, das cavalaes cincuenta reis, e dos anhos, e cabritos, e bacoros de dez hum, e cinco meio, e não chegando a cinco quatro reis de cada cabeça; e sendo porem a meia cabeça he a escolha do Padroeiro, ou seu Rendeiro; e chegando a dez que seja, o animal inteiro será à escolha do Curador e o segundo do dizimo; e enquanto à primicia era uzo pagarem os casados hum alqueire de milho e dous de centeio, e meio almude de vinho, e sendo veuvos, ou veuvas ametade, e sendo solteiros que administrem casa hum quarto de milhão, e meio alqueire de centeio, e canada e meia de vinho, isto colhendo; e que havendo na cassa mais que hum casado, cada hum pagará sua premicia inteira, e que cada fogo paga o seu frango, ou vinte reis por ele, e o linho se dizima por maçãs em cru de dez huma; e por esta forma houve elle Doutor Juiz do Tombo esta descripção por bem feita, que assignou com elle Reverendo Vigario... **Auto de Reconhecimento que faz o Reverendo Vigario desta freguesia** — Aos dezassete dias do mez de Março... appareceu presente o Reverendo Padre Pregador Frey Manoel de Santa Gertrudes, Procurador do mesmo Tombo, e por elle foi dito, e requerido a elle Doutor Juiz que a instancia do seu Constituinte o Reverendo Padre Dom Abade do Mosteiro de Santo André de Rendufe, e seu mosteiro, vinha citado o Reverendo Padre Manoel José Cerqueira vigario da sobredita freguesia para apresentar o titulo por que hera Vigario della, e declarou quem o aprasentou, e outro sim reconhecer quem era o Padroeiro da dita igreja, e seu passal, e casa de residencia, como tambem debaixo de juramento, os usos e costumes da dita freguesia, que o mandou apregoar, e que aparecendo o houvesse por citado em sua pessoa para o sobredito, e não aparecendo se procedesse em tudo à sua revelia, visto a posse antiquissima em que se achava o Mosteiro seu Constituinte, de varias apresentações, como ainda se mostrava do Tombo antecedente — o tombo quinto — pelo reconhecimento que fez o Vigario que então era o Padre Gonçalo Rodrigues feito em os dezanove dias do mez de Outubro do anno de mil seiscentos oitenta e cinco em the cujo tempo e desde ahi athe o presente sempre estivera na posse da sobredita apresentação, que protestava sempre ser conservado, o que visto, e ouvido por elle Doutor Juiz do Tombo, mandou que fosse apregoado na sobredita forma, e sendo-o... apparecera o dito Reverendo vigario, e por elle foi apresentado o seu titulo de vigario *ad nutum* mandado passar por sua Alteza Real o Serenissimo Senhor Dom Gaspar Arcebispo e Senhor de Braga, em rezão de se achar vaga a dita vigairaria, e apresentar nelle reconhecente o Reverendo Padre Mestre Frey Alexandre de Santo Thomaz Dom Abade que então era de Santo André de Rendufe, a quem pertencia o apresentar a mesma vigairaria por ser unida *in perpetuum* ao dito Mosteiro, e que por confiar da virencia e mais partes que concorrião no dito apresentado, elle dito Senhor Arcebispo lhe mandou passar a sobredita carta assignada sob o sello de suas armas por seu Provisor, que então era Jose Maria Pinto Brochado, com o sello do dito Senhor, e mais assignaturas do estillo, e registada no Registo Geral da Corte e cidade de

* As reticências evitam escusadas repetições.

(Continua no próximo número)

COVAS

Falecimento

No dia 11-2-1961 depois de muito sofrimento, faleceu na sua residência o senhor MANUEL CALHÃO de 77 anos de idade, pensionista da G.N.R.

O extinto que era casado com a senhora Adelaide de Jesus Pereira, deixa cinco filhos todos de maior idade, tendo o mesmo servido como soldado da G. N. R. em varias localidades entre elas a Vila de Amares.

Transferência

A seu pedido foi transferido para o concelho de Esposende o Excelentissimo Senhor JOSÉ TEMUDO que nesta vila vinha exercendo o cargo de Tesoureiro da Fazenda Pública há cerca de tres anos. O senhor Temudo que era bastante estimado nesta Vila, foi-lhe pelos seus innumerados amigos oferecido um jantar na pensão Rio homem desta vila.

Missa do Sufrágio

Na Igreja matriz desta vila, foi rezada missa por alma do terceiro Piloto NASCIMENTO COSTA, morte durante o Assalto ao paquete Santa Maria.

Aniversários

Passou no dia 16-2-1961 mais um aniversário natalício o Senhor MANUEL FERNANDES, dignissimo G.N.R. nesta Vila de Terras de Bouro. Por tão faustosa data, desejam-lhe seus amigos muitas felicidades.

Também no dia 26-2-1961 passou mais um aniversário natalício o senhor JOSÉ EDUARDO VICTORIANO GONÇALVES. Por tão faustosa data, seu pai, mãe e irmãos lhe desejam muitas felicidades.

J. E. G.

DIZ-SE QUE...

Continuação da 1.ª página

roso e alma sedenta de bondade e de pureza — e há muitas no mundo, felizmente — podem reagir contra elemento corrossivo e deletério, opondo-lhe a voz sensata da razão que analisa, da paciência que prescruta e da bondade de compreender. Como? — Ouvindo directamente o acusado na presença do acusador, não uma vez, mas vinte, e fazer o mesmo com as testemunhas de acusação e de defesa.

Mesmo assim, o seu juízo deve ser tão prudente que não se deve esquecer de deixar ao possível culpado uma possibilidade de reparação e de reconquista da dignidade perdida.

A GRANDE

Peregrinação

Operária a Roma

(Continuação da 1.ª página)

-los, a dizer-lhes dos seus direitos e deveres, a indicar-lhes o caminho que conduz à sua realização total, que é o Evangelho.

Assim se justifica a ida a Roma dos trabalhadores do mundo inteiro, a agradecer à Igreja, na pessoa do Papa, tudo o que ela tem feito pela classe trabalhadora, a estudar os problemas que a afligem e a procurar resolvê-los à luz do Evangelho e das Encíclicas Sociais.

Com a aprovação da Junta Central da Acção Católica, está constituída a Comissão encarregada de organizar a representação portuguesa na grandiosa Peregrinação Mundial dos Trabalhadores Cristãos A Roma. Partindo de Lisboa no dia 6 de Maio de manhã, está de regresso no dia 21 do mesmo mês, e a inscrição, com tudo incluído, é de 3.800\$00.

A referida Comissão presta todos os esclarecimentos na sede das Direcções Gerais da L.O.C. e da L.O.C.F., respectivamente, Rua Andrade, 13-4.º D.º e Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7 em Lisboa.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Escrínio de Deus

Eu sonhei... No meu sonho, Deus sonhava, E, sonhando, era tal o seu sorriso De ventura e de anseio, que eu jurava Ser de ventura e anseio o Paraíso!...

E, por milagre, eu mesmo contemplava As imagens de Deus em seu juízo, Como o pintor que sonha e o quadro grava, Gravando n'alma a floração do Risol!...

Deus procurava para os seus amores Fazer um cofre artístico e perfeito, Unindo a Luz, as Pérolas e as Flores!...

De repente, acordei... Raiava o dia... Deus também se acordou... Deus tinha feito O CORAÇÃO DIVINO DE MARIA!...

Visado pela C. de Censura

Ebéria

Continuação da 1.ª página

o braço hercúleo dos mais famosos cabos de guerra de todos os tempos.

Querendo Amílcar conquistá-la para indemnizar-se da perda da Sicília, contra os Romanos, foi morto na Lusitânia em combate com os vetões.

Não foi mais feliz Asdrúbal, quando assumiu na Espanha o comando dos Cartagineses. O vingador de um povo oprimido espreitava-lhe os passos e apunhalou-o junto do altar dos deuses a quem agradecia e pedia mais triunfos.

Aníbal, o «grande colosso da antiguidade» no dizer de Montesquieu, depois das mais brilhantes victórias e campanhas, e da derrota de Zama, surpreendido em seu refúgio e apercebendo-se de que iam entregá-lo aos Romanos, envenenou-se no mesmo ano em que no exílio de Linternum, morria desiludido o seu maior inimigo, Cipião o Africano — e assim acabaram dois terríveis flagelos da Espanha.

A relação desses falsos heróis, que o paganismo consagrou e transmitiu às idades futuras, fica no princípio. Sucederam-se-lhes as victoriosas legiões imperiais dos césares, e nem aí a antiga Ibéria, cada vez mais fortemente abalada pelo tropel das guerras, sentiu abalado o ânimo de seus naturais.

Relativamente quase indefesos, as armas que os feriram traiçoeiramente e em guerras iníquas e injustas, verifica-se que foram sempre o punhal de dois gumes sob cujo fio tombaram os maiores inimigos da Espanha.

Tribuna de Vieira do Minho

Carta de Ruivães

Continua esta freguesia sem ser electrificada.

Ha pouco tempo, conversando com o illustre Presidente de uma Câmara do Minho, dizia-me ele:

«Como se explica que estando os Senhores cercados de barragens no seu concelho, ainda se encontre por electrificar a maior parte das freguesias?»

Por uma razão muito simples, respondi eu: é que em casa de ferreiro espeto de pau.

Realmente, é de necessidade instante, e isto sem favor, que se tome a sério o problema da electrificação no nosso concelho.

Ruivães, estamos fartos de o proclamar, é, depois de Rôças, a maior freguesia do concelho de Vieira; foi sede do julgado Municipal; ainda hoje se pode ver o seu Pelourinho, onde outrora se dependuravam as cabeças dos condenados á morte; possui edificios cuja arquitetura tem merecido as atenções dos visitantes.

E tão grande é a sua desdita, que não tem telefone, não está electrificada e, até, — mas isto só aqui para nós, que ninguém nos ouve — vai ser desviada a estrada, que atravessa a vila quase pela tangente, para fora do povoado, porque, diz-se, as estradas devem afastar-se o mais possível dos aglomerados populacionais.

Salvo o devido respeito, sempre me quis parecer, e creio não estar em erro, que as estradas devem ser-

vir o público e proporcionar-lhes as maiores facilidades de comunicação.

Numa estrada é «sempre um meio de valorização para as povoações que atravessa.

Desviá-la dos aglomerados populacionais, é reduzir estes á estagnação. Sofrem com esta os povos e o comércio local.

Demais a mais, o movimento desta terra não é tão grande que justifique tal medida.

Eu, por educação e por feito, sempre detestei o que reputo injusto e jamais deixarei de profligar o erro, enquanto Deus me der olhos para vêr e inteligência para... perceber.

Não peço medidas de excepção para esta terra, que me foi berço, nem favoritismos de Regedoria.

Peço e reclamo aquilo que entendo ser justo e que o progresso exige.

Serei a voz que chama no deserto? Embora.

Tem a palavra a nossa Ex.ma Câmara, onde há pessoas que têm vontade de acertar.

O que é preciso é não se perder tempo e aproveitar a oportunidade.

Quanto á pretendida estrada Municipal de Frades, alguma coisa direi na minha próxima correspondência.

E, até lá, muita saúde a todos.

Amares, 25-2-961

Amadeu César

Festas a S.to António

(Continuação da 1.ª página)

que não há-de mostrar novamente todas as suas belezas, através de danças, trajos regionais e de berrantes e simpáticas «moçoilas»? A resposta ficará para as freguesias se pronunciarem no dia de Santo António.

E, com este apenso muitíssimo necessáto, tínhamos fugido um pouco á súmula do programa.

Teremos ainda uma corrida de bicicletas, que nos anos transactos se tem revestido de vulgar animação. Muitos divertimentos virão também, desde a pista de automóveis até á atracção que possivelmente nos visitará pela primeira vez: os helicópteros.

Sem dúvida que, para assegurar a vinda de tudo o que frizamos e ainda muito mais, a comissão vê-se em sérios embaraços para arranjar fundos de cobertura para isso. Será preciso que todos os Amarenses *mesmo no Estrangeiro e Ultramar*, saibam compreender o esforço que meia dúzia de briosos rapazes, ano a ano dispendem, só com uma finalidade — erguer bem alto o nome do Santo Taumaturgo e do concelho.

Também é de realçar a boa vontade com que as meninas da Terra se colocaram ao lado da comissão, para organização de bazares (brevemente haverá mais um) e, para trabalhar na barraca de caldo verde e no bar da verbena, que será mais um número brilhante.

É de inteira justiça a colaboração de todos os que orgulhosamente se intitulam Amarenses e muito em especial os Feiranovenses, para honra e glória do grande Taumaturgo — Santo António de Amares.

Abel Antunes

Uma Amizade

Que não Incomada

(Continuação da 1.ª página)

sem amargura, sem vergonha, antes com um sentimento de confiança no futuro: são as que se referem ás relações luso-congolanas. O generoso acolhimento dado nos terríveis primeiros dias de Julho, em Angola, aos refugiados do Congo, tanto europeus como africanos; a estricte neutralidade que temos mantido para com todos os elementos do conflito congolês; as dádivas de géneros alimentícios destinados aos famintos do Cassai, a inalterabilidade das relações quer de fronteira quer de convívio — eis algo que é um valor positivo nesta história e que bem podia ser meditado pelas Nações Unidas.

Há dias, ao receber uma dessas remessas de géneros com que estamos ajudando (sem espalhafato nem lucro) a minorar a fome da população do Cassai, Jean Bolicange, vice-primeiro ministro do Governo de Leopoldville, proferiu um discurso em que afirmou, entre outras coisas:

«Desde sempre que o Governo de Portugal e os portugueses tiveram grande simpatia pelas populações congolêsas. Quando diversas nações europeias nos consideram ainda como um povo inferior, os portugueses procuram o nosso convívio, ajudam-nos,

prestigiam-nos. Por isso mesmo, desejo evidenciar o meu agradecimento por aquilo que o Governo de Portugal e os portugueses fazem a nosso favor; quero exaltar a obra grandiosa dos portugueses realizada aqui no Congo: — se deitarmos um olhar para todos os campos do País, veremos portugueses nos pontos mais afastados da República do Congo. E eles não estão lá, apenas, por causa dos seus interesses, mas também por serem nossos amigos.»

Creio que a chamada grande Imprensa internacional não deu conta deste discurso do Vice-primeiro ministro congolês. Quem perdeu foi ela. Quem perdeu foi a opinião pública, que continua a ter ácerca dos povos africanos uma opinião tão perigosamente errada, tão desastrosamente falsa. Entre a clamorosa hipocrisia com que no jogo internacional se finge prantear as desgraças do Congo e a sincera e tranquila colaboração que lhe prestamos, sem nada lhe pedir em troca que não seja a permanência do respeito mútuo, há um grande espaço em aberto: — é o caos que as Nações Unidas criaram, levando o povo congolês a reconhecer que, no fim de contas, parece só ter um amigo e que esse amigo é Portugal.

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

**DIRIJA-SE À
MODELAR**

Telefone 62113

Amores

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

x x x

O tomo VI é, como os demais, um manuscrito de letra garrafal estilizada ao modo da época, sobre papel liso e espesso, com as dimensões aproximadas de 0,43 cm. de altura por 0,30 de largura; encadernação de pergaminho.

Trafa do sétimo até ao 15.º avô materno de Montebelo, etc, partindo de Diogo Peres Machado, 4.º sr. de Gerás, das quintas do Fojo, Outeiro e outras terras e lugares em Barroso; 3.º sr. de Vilela (de Lanhoso) e honra de Pinho, Paço e lugares de S. Fins, Matosinhos e Nantes, 16 casaes reguengos em Barroso, e de Cipiões, Sapelos, Robadela, Ardãos, Nogueira e Vilela do Tâmega; 13.º sr. de Dornelas; embaixador de D. João I á praça da Beira e a Castela, etc.

E depois de longa descrição genealógica, vem a pag. 247, as conhecidas coplas de Sá de Miranda, escritas a seu cunhado Manuel Machado, segundo se colige, em resposta a outras em este lhe pedia escrevesse algo da família.

Apenas a primeira estrofe, e depois as interpretações de todas elas, por serem estas menos conhecidas, ou talvez ignoradas:

*He senhor grande trabalho
Escrever de Gerações,
Nem todos são Cipiões,
E podem cheirar ao alho
Ricos homens e infanções.*

«Na Primeira copla mostra este Catão português quão prejudicial é escrever gerações, pela desigualdade que em muitas há de seus antepassados.

«Na 2.ª — quanto a verdade é odiosa nos poucos amigos que adquirir; o que o tempo levanta os homens e as famílias.

Na 3.ª que não professava lisonjas nem era conveniente atribuir esplendores de valor áqueles que, por opostos a ele, estão no esquecimento da Fama.

Na 4.ª — como teve princípio a Corte portuguesa na cidade de Braga, e vila de Guimarães, terra mais montanhosa que a restante do Reino, e donde partira toda a obra da Reconquista; pelo qual respeito aqui se achavam os primeiros e mais antigos solares de Portugal e de muita parte da Espanha.

O dizer que veio beber de suas fontes, é que buscou para casar-se o sangue desta casa de Machado, por ser limpo e claro como era o de D. Briolanja de Azevedo, filha de Francisco Machado. E como a terra de Lisboa se considerava por uso mais baixa que a de Entre-Minho e Douro, e já naqueles tempos o dinheiro descompunha alguma nobreza, chama a estes desaires do interesse «baixos pântanos sem barcas nem fontes» para os que estimam mais o sangue de seus descendentes que suas próprias riquezas e comodidades.

Mostra na 5.ª o poder que as riquezas têm para contrastar com a nobreza, os officios superiores e as privanças dos príncipes, cuja ambição produzia monstruosos casamentos; e que, como havia poucos anos se havia dado entrada aos judeus, poderiam, com o tempo e por seus grandes enganos e riquezas removedores da guerra e inquietadores da paz que naquela quadra se vivia, descompor esta e provocar aquela.

Na 6.ª avisa quão danoso é aos reis, nobreza e república o ocupar semelhante gente grandes lugares e postos, para que estas não sejam atropeladas e aqueles mal servidos; e que é conveniente calar faltas aos superiores para não perder a sua graça e incorrer na sua vingança.

Aquilo de dizer na 7.ª que guarde Manuel Machado os panos e tapeçarias de el-rei D. Sancho, para testemunho de sua ascendência, considerada a cláusula do seu testamento referida pelo Dr. Frei António Brandão; prometia a esse tempo estes documentos seu bisneto

(CONTINUA)